

Quando há o que dizer : envolvimento interpessoal no discurso escrito de surdos/as falantes de libras

Marta Ciccone*

Introdução

O presente tema se reporta a uma pesquisa através da qual investiguei :

- a) possibilidades de processos de envolvimento discursivo interpessoal na construção da L2 escrita de surdos/as falantes de LIBRAS, em sala de aula de uma escola especial pública da área; e
- b) o que significaria e como se organizaria o que fosse encontrado a respeito.

Para tanto, fora motivada pelo que me pareceu uma espécie de conflito entre duas específicas suposições de Andersson (1994) e uma outra possível de se aventar a partir das conclusões de um oportuno estudo lingüístico realizado por Brito e Santos (1996) em nosso país.

Segundo as duas suposições de Andersson (Ibid : 94/5), impasses encontrados neste campo decorreriam do fato de surdos/as não falantes da respectiva modalidade oral sempre escreverem textos com propósitos integrativos apenas “indiretamente” (ao encaminharem bilhetes para ouvintes, por exemplo), ou então de estarem resistindo a investir na construção de quaisquer L2 com caráter integrativo porque seriam exclusivas de maiorias dominantes de ouvintes.

Já de acordo com o mencionado estudo lingüístico de Brito e Santos (1996 :155):

“A descrição e análise de escrita de surdos, através de cartas pessoais, revelaram que os surdos (falantes de LIBRAS) são capazes de escrever textos coesos e coerentes, apesar de se ter pensado, até bem pouco tempo, que, por não falarem a língua oral, eles não tinham um bom desempenho na escrita equivalente a esta língua”.

No caso, me permiti especular se na construção das tais cartas pessoais, cujos produtos foram lingüisticamente investigados, não teriam ocorrido processos de

*Professora do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES/RJ. Professora titular da Faculdade de Fonoaudiologia da UNESA/RJ. Mestre em Lingüística Aplicada - UFRJ.

interação discursiva “diretamente” partilhados entre remetentes surdos/as advindos/as de uma minoria falante de LIBRAS e destinatários/as ouvintes pressupostos/as, ainda que os/as últimos/as fossem membros de grupos sociais majoritários.

Contexto e Metodologia da Pesquisa

No contexto-alvo eleito, participamos : esta pesquisadora; a professora de sala de aula; onze surdos/as usuários/as de LIBRAS (entre 17 e 43 anos) que cursavam a 2ª série do Ensino Médio e o sexto nível do português escrito posicionado como sua L2, que poderia se estender até o oitavo (Nascimento e Souza, 1998); duas auxiliares de filmagem.

O período de coleta para os dados foi o segundo semestre letivo de 1999 e os instrumentos utilizados foram :

- entrevista em grupo com os/as alunos/as;
- registros de encontros feitos com a professora;
- anotações de campo;
- textos escritos trabalhados em sala de aula;
- documentos disponíveis;
- filmagens (960 minutos em fita cassete), com posterior glosa das transcrições de LIBRAS, ou de seus sinais (Hoemann; Oates e Hoemann, 1983)*.

A metodologia posta em prática seguiu a ótica interpretativista, de base etnográfica, quando pude contar com variadas visões advindas de todos/as participantes do contexto-alvo eleito. A base etnográfica desta pesquisa se deveu ao fato de ter voltado meu foco de investigação para eventos discursivos que se engendrariam numa sala de aula que posicionei como contexto sócio-histórico particularizado (Bakhtin [1929], 1997). Dessa perspectiva, trabalhei como pesquisadora participante e segui a linha de microanálise etnográfica (Erickson, 1992), em razão de haver relativizado meu foco de abordagem sobre interações discursivas de caráter interpessoal, a maior parte delas de tipo face a face.

Posicionamentos do estudo

Dentre as noções cruciais deste estudo, tomei a própria surdez como espécie de marca decorrente de uma modificação ativa (causada por etiologias variadas) num dos aspectos sensoriais naturalmente esperados em nossa espécie - a audição - e às

**Por sinais da LIBRAS me refiro a um tipo de sinalização que, no caso de pessoas ouvintes, se dá quando as mesmas ainda estão em processo de aquisição dessa L1 de sujeitos surdos. Neste trabalho específico, não foram relevantes maiores aprofundamentos a tal respeito, mas adianto que essa opção guardou relação com discussões de Moita Lopes (1996) acerca do conceito de interlíngua (IL), em especial quando esse autor cita Corder e salienta “a natureza dinâmica das ILs e o fato de que [tais] ILs são [...] relacionadas a indivíduos e não a comunidades” (Moita Lopes, *Ibid* : 115).*

línguas de sinais como legítimas e autônomas às orais. Com isso, parti do pressuposto de pessoas surdas usuárias de tais línguas serem de fato falantes eficientes (Brito, 1995).

Outrossim, iluminada por uma ótica de inspiração dialógica bakhtiniana (Clark e Holquist, 1984; Bakhtin [1929], 1997), com viés histórico-social (Wertsch, 1991; Moita Lopes, 1998), entendi o discurso escrito como construção social partilhada no próprio campo do ensino de línguas (Abbud, 1995) e tomei a noção de envolvimento interpessoal desenvolvida originalmente por Tannen (1985) como processo discursivo contrastivo que, também em usos de línguas escritas, apenas pode emergir quando parceiros/as negociam, mutuamente, o significado (como em : -“*Eu não penso como você*”, ou então -“*Não concordo com ele/a*” que, posto de outro modo, seria -“*Quero “**estar junto**” de você*” e -“*Quero “**estar separado/a**” dele/a*”). Do mesmo modo, adotei colocações de Eco (1986) e de Orlandi (1996) acerca do fato de autores/as e leitores/as não estabelecerem meras relações de tipo sujeito/objeto com produtos de qualquer texto e juntei a isso a noção de alinhamento mútuo (‘footing’), que, segundo Goffman (1998), diz respeito a uma espécie de interjogo que emerge entre participantes envolvidos/as em atos comunicativos. Nesse interjogo, pistas e indícios são negociados através de indicações tácitas trocadas entre tais participantes sobre como estará sendo sinalizado o que é dito e/ou feito e, assim, como devem ser interpretados. Nessas negociações se incluirão posturas e posicionamentos, o que então implicará na projeção pessoal de cada qual em sua relação com o ‘outro’, consigo mesmo/a e com a própria conversa em circulação.

Ainda aproximei estas últimas noções a uma outra de Mey (1998 : 78), quando o mesmo se reporta a demandas comuns entre parceiros/as que almejam se perceber discursivamente ‘contextualizados/as’ e/ou ‘descontextualizados/as’ em usos de qualquer língua e aos da noção de “cumplicidade” inaugurada por Geraldini (1996) e remetida por ele a uma espécie de demanda que permeia processos de interpretações mútuas em usos textos escritos que parceiros/as sempre buscam compartilhar e que, como tal, têm a ver com situações de natureza genuinamente social.

Ponto de chegada atingido

- a) Constatação de evidências de envolvimento discursivo interpessoal, quando os/as participantes surdos/as desta pesquisa conversaram por escrito comigo, já em nossa entrevista inicial;
- b) No transcorrer das aulas regulares em que trabalhavam com a construção da sua L2 escrita, novas constatações de evidências de envolvimento interpessoal destes/as participantes surdos/as : quando eles/as trocaram expectativas pessoais variadas ao conversarem por escrito com diferentes parceiros/as e, dentre outros, se referiram espontaneamente a acontecimentos sociais

comuns a brasileiros/as ouvintes; quando conversaram por escrito também com interlocutores/as virtuais ao escreverem cartas para filhos/as fictícios; quando expressaram múltiplos e diversificados desejos no próprio processo de construção da sua L2 escrita.

Assim é que, no contexto-alvo investigado, não se confirmou a mencionada suposição de Andersson (1994 :95) de surdos/as não falantes da respectiva modalidade oral sempre escreverem textos com propósitos integrativos apenas “indiretamente”.

Do mesmo modo, não se confirmou a outra mencionada suspeita do mesmo autor (Andersson, *Ibid* : 94) de tais surdos/as virem a resistir à construção de quaisquer L2 escritas por serem sempre exclusivas de maiorias dominantes de ouvintes. Essa última constatação guarda igualmente relação com o fato dos/as participantes surdos/as desta pesquisa terem se reportado, espontaneamente e através da sua L2 escrita, a acontecimentos sócio-culturais comuns a todos/as nós brasileiros/as ouvintes, o que equivale dizer que tais visões já circulavam, previamente, em seus usos da LIBRAS como L1. Na presente ocasião, uma observação como essa também se justifica porque Andersson (*Ibid* : 94) talvez a tenha deixado de imaginar, quando aventou a tal suspeita de membros de quaisquer minorias surdas falantes de línguas de sinais virem a reagir, em massa, à construção de L2 escritas que seriam sempre exclusivas de maiorias dominantes de ouvintes, o que, como disse, tomei como parcela da motivação central desta pesquisa.

Encaminhamentos da Pesquisa

Continuidade de investimentos na qualificação profissional de professores/as nesta área e novas investigações voltadas para modos de construção dos próprios impasses até então divulgados no campo de ensino em questão.

Referências Bibliográficas

- ABBUD, S. M. B. *The Issue of Culture in EFL Lessons in Brazil : An Ethnographic Investigation*. University of London : Applied Linguistic PhD Thesis, 1995.
- ANDERSSON, R. Second Language Literacy in Deaf Students. *In* : Ahlgreen, I., Hyltestam, K. (eds). *International Studies on Sign Language and Communication of the Deaf*. Bilingualism in Deaf Education - Vol 27. Hamburg: SIGNUM, pp91-102, 1994.
- BAKHTIN, M. [1929] *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. S. Paulo : Hucitec, 1997.
- BRITO, L. F. *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1995.
- BRITO, L. F. e SANTOS, D.V. A Importância das Línguas de Sinais para o Desenvolvimento da Escrita pelos Surdos. *In* : Ciccone, M. (ed) *Comunicação Total*. Rio de Janeiro : Cultura Médica, pp 152-169, 1996.
- CLARK, K. e HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. London : The Belknap Press - Harvard University Press, 1984.
- ECO, U. *Lector in Fabula*. São Paulo : Perspectiva, 1986.
- ERICKSON, F. Ethnographic micro-analysis of interaction. *In* : Lecompte, M. D., Milroy, W., Preissle, J. (eds) *The Hand book of qualitative research in education*. New York : Academic Press (mimeo), 1992.
- GERALDI, W. *Linguagem e Ensino : Exercícios de Militância e Divulgação*. Campinas : Mercado de Letras, 1996.

- GOFFMAN, E. Footing. *In* : Ribeiro, B. T., Garcez, P. M. (orgs) *Sociolingüística Interacional*. Porto Alegre : AGE, pp70-97, 1998.
- HOEMANN, H. W., OATES, E., HOEMANN, S. A. (eds) *Linguagem de Sinais do Brasil*. Porto Alegre : Centro Educacional Para Deficientes Auditivos, 1983
- MEY, J. L. Etnia, Identidade e Língua. *In*: Signorini, I. (org) *Língua(gem) e Identidade*. Campinas : Mercado de Letras, pp69-88, 1998.
- MOITA LOPES, L. P. Discursos de identidade em sala de aula de leitura em L1 : a construção da diferença. *In* : Signorini, I. (org) *Língua(gem) e Identidade*. Campinas : Mercado de Letras, pp303-330, 1998.
- _____ *Oficina de Lingüística Aplicada*. Campinas : Mercado de Letras, 1996.
- NASCIMENTO, L. P. e SOUZA, V. A. *Proposta de Ensino de Língua Portuguesa como L2 para os Alunos do INES*. Anais do Seminário SURDEZ, CIDADANIA e EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro, 19-22 de outubro, 1998, pp193-203.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. Campinas : Cortez, 1996.
- TANNEN, D. Relative focus on involvement in oral and written discourse. *In* : Olson, R., Torrance, N., Hudyard, A. (eds) *Literacy, Language and Learning - The nature and consequences of reading and writing*. Cambridge : Cambridge University Press, pp124-147, 1985.
- WERTSCH, J. *Voices of the mind*. Cambridge : Harvard University Press, 1991.